

Oto

Ercília Macedo-Eckel

“...até os defuntos! Nem os mortos escapam aos seus ciúmes!” Capitu, em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.

1

Esse confessionário noturno vem se repetindo há duas ou três décadas. Mas nunca é tarde para confirmar informações, flagrar contradições, descobrir pecados guardados a sete chaves. Por isso, Oto acorda Geni no meio da madrugada para saber minúcias sobre um determinado ex-colega de escola, ou para esmiuçar acontecimentos longínquos.

A esposa vasculha a memória e tenta repetir-lhe, com toda paciência, tintim por tintim, cada cena do recreio do ano x, cada fala do grupo ao qual ela pertenceu. Debulha a alma, emoções, fatos e picuinhas vividas há mais de vinte anos nos ouvidos do marido inquiridor. Boceja e volta a dormir. Meia hora depois é novamente acordada, para preencher algumas lacunas sobre as informações dadas e repetidas praticamente dia sim, dia não, desde que se casou. Ou melhor, desde o tempo de noivado.

Pela manhã, ao se levantar, Oto viu algumas fotos de Geni do tempo do liceu, reproduzidas na linha do tempo de seu (dela) facebook. No mesmo dia, ao voltarem do Piquiras do Flamboyant, pediu explicações sobre as legendas que lhe pareceram pouco elucidativas. Não satisfeito com a resposta, ordenou-lhe:

- Quero que você retire essas imagens da internet. Também ouvi você no celular com Bento, seu colega de trabalho. Não gostei de sua animação com os assuntos dele. Comigo você não tem tanta disposição assim para bate-papo.

Geni apenas deu de ombros. Nunca o confronta. E isso o deixa louco.

Que castigo darei a ela por esse passado cheio de mistério e segredinhos? Melhor consumi-la pelo resto da vida, fazendo-lhe perguntas diárias, pedindo-lhe esclarecimentos sobre o ontem e o hoje, nas “últimas horas da noite e nas primeiras do dia.” Urge, em alguns momentos, unir as pontas da vida e do tempo, atar a meia-idade à juventude, principalmente agora que nossos filhos já se foram.

Mas sofro com dois tus que existem em mim, desde criança. Há um tu imaginário que me compreende e me protege, e outro em quem projeto minha insegurança e agressividade. Esse segundo tu domina o primeiro. Ou melhor, é seu adversário. Um fantasma tão semelhante a mim que chego a vê-lo como meu irmão gêmeo – ou como minha sombra, espreitando minha casa, minha Geni, para descobrir seu segredo inconfessável, seu passado que não morreu e é um mistério para mim. Em alguns momentos, chego a dizer: “Retira-te daqui, Satanás! Tu não és meu irmão gêmeo.” Porém essa sombra aumenta e se inverte, à proporção que Geni me deixa lacunas e dúvidas sobre sua vida adolescente, sobre suas “compras” e visitas ao “cabeleireiro”, sem mim.

“Vade retro, Satana!” Repito. E a sombra deixou de me perseguir, partiu atrás de outro corpo, cheio de riquezas e safadezas. Mas eis que surge uma nova sombra das raízes da primeira sombra, como no conto fantástico de Hans Christian Anderson, “A sombra”. Em momentos de angústia, vejo essa minha segunda sombra minguar gorda ou espichar, magrinha, dependendo da distância do foco de luz que incide sobre mim. Igualmente ao referido conto, tempos depois, a primeira Sombra resolveu voltar poderosa, com S maiúsculo, tomando o lugar de senhora de meu corpo, por onde quer que eu vá. Por conseguinte, lá fora, amigas e periguetes me aparecem aos montes, a pé, de táxi, de carro próprio com motorista. Vêm consolar-me e, também, assistir ao reprise de minha alma lacerada. Pergunto a uma delas, ao falarmos sobre teatro:

- Você está com o catálogo de minha peça?

- Sim, voltarei amanhã para vê-lo atuando e tomarmos um chope, no

Quiosque Brahma.

Essa voltou, mas uma, outra e mais outras não voltaram. Dessa forma, fica difícil esquecer aqueles “olhos de ressaca”, digo, de orgasmo, de minha querida Geni. Aliás, tenho evitado que ela chegue até o grau de

exibir esses olhos. Pois, se atingir o G desse grau, poderá tomar gosto ainda maior pela coisa e aumentar, ainda mais, minha dúvida.

Enfado dessa inquietação, entro no banheiro para fazer a barba, acendo a luz mais potente. Olho-me no espelho e pergunto: Onde está Deus que não me cura dessa angústia e dessa dúvida tão cruel? Que não me mostra quem sou realmente por dentro? Em meu aspecto mais profundo – como diria Hamlet? Onde está a verdade sobre mim e sobre Geni? Não há resposta. Percebo que o espelho ficou embaçado, apesar da claridade intensa da lâmpada sobre ele. Em que pensaria Geni diante desse espelho, ou por trás dele? Até de seus pensamentos tenho ciúmes. Gostaria de ser uma pulguinha saltitante em seu cérebro para saber de tudo; em que ela pensa e o que ela sente. Tintim por tintim. Porém finjo-me forte, ironizo meu fantasma eterno, minha sombra. Dou falsas gargalhadas e vou assistir aos meus filmes de ação. Sozinho.

Mas no meio da madrugada:

- Ops, ops! Geni, acorda. Acorda, Geni. Quem é esse com você nesse álbum de 15 anos e que acabo de encontrar na última gaveta do guarda-roupa?

3

Não consigo entender Oto, por mais que me esforce. Pior p'ra mim, que sempre tive vontade própria, independência, autoestima alta, e agora percebo que minhas necessidades não são plenamente satisfeitas, no conjunto do que experimento com meu parceiro, vítima da síndrome de Otelo.

E não espere você, querido leitor, que eu vá desfazer de minhas relíquias, só para me ver livre de aporrinhações. Oto, por sua vez, não destrói minhas lembranças valiosas. Suponho que sua intenção é ter algo concreto e duradouro para me alfinetar diuturnamente, fazer perguntas aborrecidas, buscar confirmação para suas suspeitas. Nessas sessões, quase sempre ele é acometido de excesso de adrenalina, taquicardia, falta de ar, boca seca, suores e odores indesejáveis, com os quais aprendi a conviver.

Constantemente me pergunto: Oto não confia em si mesmo ou não confia em mim? Por que invade minha privacidade, bisbilhota gavetas, bolsas, celular, pendrive, etc? E, mesmo que não encontre nada comprometedor, seu delírio continua ∞.

Agora a coisa parece mais complicada. Ele afirma e eu confirmo que seu corpo está dividido em duas partes independentes: cabeça e corpo.

A cabeça tem vida própria e caminha, quando necessário. Eu dou risada e faço pouco do inferno com que me deparo. Disfarço meu medo, zombo daquela cabeça arrancada de Oto e daqueles olhos esbugalhados, sinistros, olhando para mim. De repente tais olhos se tornaram deformados, viscosos e começaram a escorrer naquele semblante, como relógios de Dalí. Sinto calafrios, ao ver a gosma-lágrima deslizando no porcelanato da sala, como uma serpente, a mostrar a língua forquilhada.

O corpo de Oto, sem a cabeça, continua insaciável, as mãos atrás de evidências que me incriminem. Nessa madrugada sonhei novamente que seu corpo havia me matado, por não suportar as dúvidas e a fragmentação da própria sombra em vários planos. Esse meu sonho passou a ser repetitivo. Noite sim, noite não. Mesmo mudando o contexto em que ele ocorre, na essência a cena culmina com meu assassinato pelas mãos desse corpo. Um pesadelo, então. Não um sonho.

Meu cérebro, maduro, talvez tenha reprogramado minhas visões noturnas para melhor perceber a realidade. E sinto que morri mesmo. Oto me matou, finalmente. Minha voz vem de outro mundo, de meu cemitério interior, como a voz de Brás Cubas em suas memórias póstumas. Também preciso de um “emplasto” anticiúme patológico, para que encontre aqui uma alma menos possessiva.

Você acredita que estou vendo, por uma fresta do invisível, o corpo de Oto, abraçado com a cabeça, bisbilhotando-me o túmulo à distância? De binóculo! Sua obsessão continua a mesma. Quer saber quem me visita e deposita flores vermelhas sobre a lápide. Filma tudo e traz na ponta da língua declarações (“cantadas”), rezas e preces que os visitantes me dedicam. Um horror! Quando terei paz realmente?

Querida leitora, pago-lhe bem, se vier assustá-lo envolta em uma mortalha branca e com a máscara negra da morte. Caso não me faça esse obséquio, dar-lhe-ei (Epa!) sete piparotes, qualquer madrugada dessas, esteja você onde estiver.